

Eu tinha mergulhado numa daquelas profundas meditações que se apoderam de qualquer pessoa, e até de um homem frívolo, no meio das festas mais tumultuosas. Acabava de bater a meia-noite no relógio do Elisée-Bourbon. Sentado no parapeito de uma janela, e escondido entre as pregas ondulantes de um reposteiro de tafetá, podia contemplar à minha vontade o jardim do palacete onde estava passando o serão. As árvores, parcialmente cobertas de neve, destacavam-se debilmente do fundo acinzentado de um céu nublado e um pouco esbranquiçado pela Lua. Vistas no contexto daquela atmosfera fantástica, assemelhavam-se vagamente a uns espectros mal embrulhados nas respectivas mortalhas, eram a imagem gigantesca da famosa *dança dos mortos*. E, ao virar-me para o outro lado, podia admirar a dança dos vivos!

Era um salão esplêndido, de paredes de prata e ouro, lustres faiscantes, a brilhar de velas. Ali abundavam, quais agitadas borboletas, as mais belas mulheres de Paris, as mais ricas, as de mais altos títulos, resplandecentes, pomposas, deslumbrantes de pedra-

rias!...; ostentavam flores na cabeça, no colo, no cabelo, disseminadas pelos vestidos ou em grinaldas a seus pés. Havia leves frêmitos de alegria, passos voluptuosos que faziam rodar as rendas, os blondes, a musselina, em torno dos flancos delicados. Aqui e além espreitavam olhares intensamente vivos que eclipsavam as luzes, o fogo dos diamantes, e que ainda mais alentavam certos corações incendiados. Podiam também surpreender-se gestos de cabeça significativos para os amantes e atitudes negativas para os maridos. Os brados dos jogadores a cada jogada imprevista e o retinir do ouro misturavam-se com a música e com o murmúrio das conversas; e, completando a vertigem daquela multidão inebriada por todas as seduções que o mundo pode oferecer, um vapor de perfumes e a embriaguez geral actuavam sobre as imaginações enlouquecidas.

Assim, tinha à minha direita a sombria e silenciosa imagem da morte e, à minha esquerda, as decentes bacanais da vida. Aqui, a natureza fria, taciturna, enlutada; além, os homens entregues à alegria. Eu, colocado na fronteira entre estes dois quadros tão diversos, os quais, mil vezes repetidos de diferentes maneiras, tornam Paris a cidade mais festiva do mundo e a mais filosófica, ia compondo uma salada moral, meio divertida, meio fúnebre. Marcava o compasso com o pé esquerdo e ao mesmo tempo parecia-me ter o outro numa sepultura. Com efeito, sentia a perna gelada por um daqueles ventos encanados que nos resfriam metade do corpo enquanto a outra experimenta o calor húmido dos salões — um caso muito frequente nos bailes.

— O senhor de Lanty não tem este palacete há muito tempo, pois não?

— Exactamente. Foi há uns dez anos que o marechal de Carigliano lho vendeu...

— Ah!

— Esta gente deve ter uma fortuna imensa...

— Sim, não pode deixar de ser.

— Mas que festa! É de um luxo insolente.

— Acha que estes são tão ricos como o senhor de Nucingen ou o senhor de Gondreville?

— Então não sabe?

Adiantei a cabeça e reconheci os dois interlocutores por pertencerem àquele tipo de pessoas curiosas que em Paris se ocupam exclusivamente dos *Porquê?*, dos *Como?*, *Donde vem ele?*, *Quem são eles?*, *Que aconteceu?*, *Que fez ela?* Começaram a falar baixo e afastaram-se para ir conversar à vontade num qualquer canapé solitário. Jamais se deparara mina mais fecunda aos pesquisadores de mistérios. Ninguém sabia em que país tinha origem a família de Lanty, nem de que comércio, de que espoliação, de que pirataria ou de que herança provinha uma fortuna estimada em vários milhões. Todos os membros daquela família falavam italiano, francês, espanhol, inglês e alemão, com tal perfeição que levava a supor que deviam ter vivido muito tempo com esses diversos povos. Seriam ciganos? Seriam flibusteiros?

— Nem que sejam o diabo! — diziam uns jovens políticos. — A verdade é que recebem maravilhosa-

mente.

— Mesmo que o conde de Lanty tenha assaltado uma casbá, não me importava nada de casar com a filha! — exclamava um filósofo.

Quem não casaria com Marianina, uma jovem de dezasseis anos cuja beleza tornava reais as concepções fabulosas dos poetas orientais? Tal como a filha do

sultão no conto da *Lâmpada Maravilhosa*, ela deveria andar coberta por um véu. A sua maneira de cantar fazia empalidecer os talentos incompletos das Malibran, das Sontag, das Fodor, nas quais a qualidade predominante sempre excluiu a perfeição do conjunto — ao passo que Marianina sabia reunir no mesmo grau a pureza do som, a sensibilidade, a precisão do movimento e das entoações, a alma e a ciência, a correcção e o sentimento. Aquela rapariga era o tipo da poesia secreta que é o nó comum a todas as artes e que escapa sempre aos que a procuram. Doce e modesta, instruída e espirituosa, nada podia eclipsar Marianina — a não ser a mãe.

Já encontrou o leitor alguma daquelas mulheres cuja beleza fulminante desafia os danos da idade, e que aos trinta e seis anos parecem mais desejáveis do que terão sido quinze anos mais cedo? O rosto delas é uma alma apaixonada, como que cintila; nele, cada feição reluz de inteligência; cada poro possui um brilho especial, sobretudo se inundado pelas luzes. Os seus olhos sedutores atraem, recusam, falam ou calam-se; o seu modo de andar é inocentemente sábio; a sua voz difunde as melodiosas riquezas das tonalidades mais galantemente suaves e ternas. Baseado em comparações, um elogio que façam lisonjeia qualquer amor-próprio mais sensível aos mimos. Um jeito das suas sobrancelhas, o mínimo mover de olhos, os lábios que se franzem, criam uma espécie de terror naqueles que delas fazem depender a sua vida e a sua felicidade. Inexperiente no amor e dócil ao que lhe dizem, uma jovem pode deixar-se seduzir; mas, para esta espécie de mulheres, um homem deve saber, tal como o senhor de Jaucourt, abster-se de gritar quando, escondido ao fundo de um escritório, a criada de

quarto lhe parte dois dedos na junta de uma porta. Amar essas poderosas sereias não será pôr a vida em jogo? Essa é porventura a razão por que as amamos tão apaixonadamente! Era assim a condessa de Lanty.

Filippo, irmão de Marianina, herdara, como a irmã, a beleza maravilhosa da condessa. Numa palavra, aquele rapaz era a imagem viva de Antínoo, com formas mais franzinas. Mas, ah, como essas magras e delicadas proporções se casam bem com a juventude quando uma pele cor de azeitona, umas sobrancelhas vigorosas e o fogo de um olhar aveludado prometem para o futuro viris paixões e generosas ideias! Se Filippo existia como tipo nos corações de todas as raparigas, igualmente permanecia na memória de todas as mães como o melhor partido de França.

A beleza, a fortuna, o espírito, as graças daqueles dois filhos vinham-lhes exclusivamente da mãe. O conde de Lanty era baixo, feio e bexigoso; lúgubre como um espanhol, maçador como um banqueiro. Passava, por outro lado, por ser um político profundo, talvez porque raramente se ria e não parava de citar o senhor de Metternich ou Wellington.

Esta misteriosa família possuía todos os motivos de atracção de um poema de Lord Byron, cujas dificuldades cada pessoa da alta sociedade exprimia de modo diferente: era, de estrofe em estrofe, um canto obscuro e sublime. A reserva que o senhor e a senhora de Lanty guardavam acerca da sua origem, acerca da sua existência passada e acerca das suas relações com as quatro partes do mundo não iria continuar a ser por muito tempo um tema de estranheza em Paris. Talvez em nenhum outro país o axioma de Vespasiano seja mais bem compreendido. Aqui, os dinheiros, mesmo maculados de sangue ou de lama, nada denunciavam e